

- **Mesa Nº: 17**
- **Título de la mesa:** Da passagem ao ato. Sintomas da cidadela
- **Eje temático:** Historias culturales urbanas
  
- **Nombre del coordinador 1:** Robert Moses Pechman
- **Afiliación Institucional del coordinador 1:** Universidade Federal do Rio de Janeiro
- **Mail coordinador 1:** betuspechman@hotmail.com
  
- **Nombre del coordinador 2:** Maria Stella Martins Bresciani
- **Afiliación institucional del coordinador 2:** Universidade Estadual de Campinas
- **Mail coordinador 2:** sbrescia@lexxa.com.br
  
- **Resumen:** Voltaire, dizia, já no século XVIII, que a cidade podia ser lugar da “virtude” ou do “vício. Nossa questão tratará, portanto, da cidade como bom ou mau lugar para viver, da cidade como transcendência ou da cidade como cidadela. Antes de Voltaire, La Boétie, foi enfático quanto à vida em coletividade: “Não pode haver amizade onde há desconfiança, deslealdade, injustiça. Sociedade que não se funda nos laços da amizade e da fraternidade é, também, sem compaixão”. Espinosa foi também na mesma direção: sociedade sem espaço para a amizade e para a fraternidade, “não merece o nome de cidade mas antes de solidão”.  
Uma cidade será tanto mais cosmopolita quanto mais ela exercer a tolerância e a hospitalidade. Não é por menos que o cosmos grego é um mundo fechado regido pelas idéias de beleza, medida e proporção, onde todos ocupam o lugar que lhes é próprio na ordem da perfeição. Por isso mesmo a phylia antiga- a amizade- possuía medida sábia e a boa proporção para a vida feliz, na cidade. Faz sentido, então, que para se tratar da cidade a metáfora e a alegoria sejam muito mais eficientes que uma lógica formal, abstrata e identitária, pois as linguagens imagéticas são capazes de dar colorido a todos os afetos alí vividos .  
Tudo isso para constatar que viver é mais do que sobreviver, ou seja que a cidade é mais do que um abrigo, é o lugar em que afetos e desejos confirmam que podemos abrir mão da simples durabilidade física para gozarmos da plenitude da experiência social. Isso levamos a refletir sobre o viver nas cidades brasileiras onde, segundo um psicanalista, mal-estar e sofrimento se manifestam como sintoma do sonho distópico de se isolar do outro no espaço. Trata-se de patologias da cidade que se manifestam em suas formas de sociabilidade e que nos contam algo do seu “caráter”. Nossa intenção é, pois, cavar sob esses sintomas para observar uma história de desejos que pulsam mas são cancelados pela cidade.

Se formos observar a cidade pelo seu avesso veremos que o que se manifesta é na verdade a cidadela , o desprezo pelo convívio, a intolerância e seu subproduto mais radical, a violência. Ou seja, o excesso de subjetividade, o excesso de investimento em si mesmo desprende o indivíduo do social. Esse mesmo indivíduo que se coloca além da transgressão e da culpabilidade, é um indivíduo que não adere a mais nada. O que importa , então, a esse sujeito é o que lhe permite, ou lhe impede de ser ele mesmo e o resultado disso é um desengajamento do mundo a partir do desapego à própria idéia de cidade, ou de vida coletiva.

Diante dessa condição patológica do sujeito, este reproduz no espaço a impermeabilidade que atravessa sua vida, coisa que impõe restrições à circulação dos desejos e afetos. Tais restrições fazem com que a sociabilidade e urbanidade se encolham e que o sofrimento psíquico assome à cena como expressão de um social não mais legível para o indivíduo todo voltado para si. O que se pode observar, então, é o progresso do informal, que se faz acompanhar pela ascensão do insignificante e pelo processo de desinstitucionalização, de desengajamento e de descivilização. Como, então, expurgar a violência se a cidade passa a exprimir a cidadela e a sociedade a camuflar a barbárie? Nesse sentido, só a contenção pelas “formas”, como as da politesse e da civilité, parecem poder barrar os sintomas do mal-estar e do sofrimento, que se não fazem cidades perversas, instituem os perversos na cidade.